

Literatura e decolonialidade: desafios contemporâneos

O presente dossiê propõe uma reflexão sobre a questão da memória e do imaginário pós-colonial no campo da crítica e da escritura poética, considerando-se a relevância do debate acadêmico voltado para pesquisas sobre o lugar e a centralidade do conhecimento no contexto do capitalismo global ou cognitivo, com base, sobretudo, nas elaborações teórico-críticas de Walter Mignolo, Anibal Quijano, Zulma Palermo, Catherine Walsh, entre outros.

Propomos pensar de que maneira a poesia pode colaborar para uma descolonização do imaginário na literatura e nas diversas linguagens artísticas produzidas em contextos de pós-colonialidade, sobretudo, observando-se as demandas de espacialização do conhecimento, a partir da imbricação entre espaços, saberes e poderes, que resultam na noção de geopolíticas do conhecimento. Os aspectos dialógicos entre margens e centro são observados em suas relações com as contingências do mundo pós-colonial. Nesta reflexão são fundamentais as ideias desenvolvidas pelos participantes do Grupo denominado Modernidade/Colonialidade, constituído no final nos anos 1990, liderado por Walter Mignolo. Este grupo de pensadores, segundo Luciana Ballestrin “atualiza a tradição crítica de pensamento latino-americano, oferece releituras históricas e problematiza velhas e novas questões para o continente. Defende a ‘opção decolonial’ – epistêmica, teórica e política – para compreender e atuar no mundo, marcado pela permanência da colonialidade global nos diferentes níveis da vida pessoal e coletiva”.

Há, ainda, uma imensa agenda para ser atendida entre nós, pelo país e pelas nossas universidades, com relação aos conhecimentos que produzimos e com os quais interagimos.

Para compreender a diversidade e a complexidade desta agenda Alai Garcia Diniz apresenta o conceito de poéticas transterradas, que segundo a autora implica traçar uma rota crítica que encaminha a perspectiva do risco. Ao modo da suspeita, tal, como instiga o texto, Alai indaga se haveria possibilidade de diálogo entre procedimentos usados pela nova narrativa latino-americana dos anos 60 e a geração dos anos 90, ou mesmo da primeira década do século XXI como dispersões no espaço que contamina o discurso configurado pelo tempo.

Em consonância a esta problematização, Diana Araujo Pereira propõe uma reflexão sobre o conceito de estética vinculado ao espaço geográfico e simbólico da fronteira. Por meio da conceitualização de uma geopoética trifronteiriça, a autora propõe inserir a área da literatura nos chamados estudos de fronteira.

Com relação ao compromisso social do intelectual crítico, nada mais coerente que chamar para este diálogo Antonio Candido e Ángel Rama, desta forma, o texto de José Quintão de Oliveira trata do diálogo intelectual prolongado no tempo, entre Candido e Rama, diálogo este responsável por marcar profundamente a trajetória dos dois pensadores que se influenciaram reciprocamente e compartilharam ideias, constructos históricos, teóricos e refletiram sobre fatores de transformação teórica e metodológica do campo das humanidades e das ciências sociais na América Latina.

As relações entre literatura e religiões, escola, livros para crianças e jovens estão no centro do artigo de Regina Zilberman. A autora fundamenta o diálogo entre textos e culturas ao refletir sobre como conflitos religiosos têm se mostrado frequentes na história moderna em razão de discordâncias teológicas e de disputas territoriais. Zilberman destaca que cada religião dispõe de rico acervo cultural, transmitido por intermédio da escola e da literatura e que a literatura infantil beneficia-se dessa herança cultural. Em sua cuidadosa análise, Zilberman observa que crenças religiosas podem ser pretextos para perseguir, pregar, dizimar e condenar, quando praticadas de modo dogmático, intransigente e intolerante. Mas suas expressões em textos sagrados podem estimular a exposição de criaturas complexas e de situações problemáticas, facultando a seus destinatários entender as próprias dificuldades e alternativas de ação. Tornam-se, assim, parte do patrimônio artístico da humanidade, ao qual pertence, com legitimidade, a literatura dirigida a crianças e jovens, assevera a autora.

Para refletir sobre silenciamentos e opressão presentes nas práticas coloniais, Carmen Luna Sellés apresenta a escritora uruguaia *Juana Fernández Morales*, conhecida universalmente como Juana de América, considerada uma das vozes mais singulares da lírica hispanoamericana dos princípios do século XX. O texto reflete sobre a adoção por *Juana Fernández Morales* do sobrenome do marido para assinar suas publicações. Juana Fernández passou a ser Juana de Ibarbourou. A escritora uruguaia aceitou esses dois nomes derivados do discurso *do feminino* que elabora a lógica patriarcal da época, e essa aceitação tornou invisível, durante muito tempo, resistências discursivas presentes em sua obra.

Em consonância ao diálogo que aqui se instaura, Jeffrey Cedeño Mark reflete sobre o modo como uma instalação de Pepón Osorio (1994), ao subverter os espaços que fundam os valores do machismo e da comunidade latina da Costa Este dos Estados Unidos, convoca uma inquietante hibridação cultural focada em avaliar as contradições e ambivalências do machismo e das categorias de gênero dentro da experiência migrante “nuyorrican”. Trata-se de uma política de representação kitsch, feminina e alegórica capaz de interrogar, sem dúvida, o estado da arte em seu diálogo com a política e o mercado em tempos de repensar a construção indentity dos grupos minoritários dentro da metrópole estadunidense.

Somando-se a este diálogo, Maria Salette Borba apresenta coloca em relevo a tela “Sinhazinha na Janela”, do artista plástico pernambucano Lula Cardoso Ayres (1910-1987), com base no pensamento do filósofo italiano Giorgio Agamben, em especial, no texto *Notes sure le geste*, de 1991, no qual o “gesto” é o principal motivo de suas reflexões. O corpo sinuoso da sinhazinha acompanhando o desenho solto e espiralado da cadeira de balanço que simula um movimento mecânico de ir e vir, de se comunicar com o passado e com o presente, com o interior e o exterior, com o urbano e com o rural. Segundo Maria Salette Borba o mesmo olhar que captura, no início do século XX, as modificações ocorridas na sociedade devido à industrialização, registra com cores e formas geométricas o surgimento de uma sociedade maquinica.

Thays Caroline Barroca Ribeiro Morettini reflete sobre a opressão intelectual e a crítica social, a partir do conto “Os sobreviventes”, de Caio Fernando Abreu presente na obra *Morangos Mofados* de 1982. A autora leva em conta as experiências políticas no Brasil, nas décadas de 1960 a 1980. A partir da relação entre história e literatura, verifica como os personagens de Caio Fernando Abreu se revelam como sobreviventes de uma geração assolada por desigualdades sociais e pela opressão do exercício intelectual como forma de aprisionamento do indivíduo na sociedade contemporânea.

Carlos Magno Santos Gomes reflete sobre a literatura afro-brasileira, a partir da obra *O cortiço*, de Aluísio Azevedo. O autor observa que na obra, a representação da mulher negra remete a estereótipos de raça e de gênero. Gomes aproxima a categoria “literatura negra”, de Zilá Bernd (1987), da proposta engajada de “literatura afro-brasileira”, de Eduardo de Assis Duarte (2011), para debater sobre as possibilidades de revisão do passado colonial brasileiro nos textos literários. O diálogo entre textos e cultura promove a releitura crítica do passado, pois o texto literário passa a ser iluminado por um olhar pós-colonial, observa o autor.

Antonio Donizeti da Cruz contribui com o diálogo aqui proposto, ao refletir sobre os temas recorrentes na lírica de Kolody e Ruiz S, tais como efemeridade, permanência, tempo, solidão, memória e viagem que apontam para um fazer poético em busca de (re)significações projetadas nas formas da poesia de origen japonesa, tankas e haicais.

Nossos mais expressivos agradecimentos aos autores que contribuíram para tornar possível o debate. Essa combinação de olhares, resultando numa perspectiva ampla e ao mesmo tempo pormenorizada, é justamente o que se propõe aqui, nesta reunião de artigos que ora versam sobre romances específicos, ora discutem questões de caráter literário ou histórico, que dizem respeito aos desafios contemporâneos para se pensar a literatura e as diversas linguagens artística produzidas na emergencia da decolonialidade.

Desejamos a tod@s uma leitura instigante ao pensamento crítico e à produção de textos e de práticas políticas e culturais que possam promover desenraizamentos e deslocamentos epistemológicos.

Por Lourdes Kaminski Alves